

Empresário pede que novo Presidente seja escolhido em outubro

São Paulo — Os empresários estão defendendo a antecipação da reunião do Colégio Eleitoral para outubro. Para eles, a escolha mais cedo do novo Presidente da República lhes daria tranquilidade para voltar a investir e permitiria a reativação da economia, principalmente no mercado interno.

Esta é a opinião de Antônio Ermírio de Moraes, Abílio Diniz, Matias Machline, Luís Eulálio de Bueno Vidigal, Olacyr Francisco de Moraes, Eduardo Rocha Azevedo, entre outros. "Se a economia ficar sofrendo mais cinco meses, o desemprego aumentará e o problema social se agravará", advertiu Abílio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar.

PREOCUPAÇÃO

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo Rocha Azevedo, está preocupado com a falta de programas econômicos definidos dos candidatos à Presidência da República. "Isso gera uma incerteza ainda maior que a provocada pela sobreposição do problema sucessório em relação à economia", disse. Rocha Azevedo lembra que, desde 1964, há um "continuismo" da política econômica que ele espera ver quebrado, agora, com o novo Presidente.

Antônio Ermírio de Moraes vê, na antecipação da reunião do Colégio Eleitoral para outubro, a saída para evitar que o país "mergulhe ainda mais no processo recessivo que vive há três anos".

— É também uma grande oportunidade para que a sociedade deixe de ouvir mais cinco meses de conversa fiada, disse.

Ele observa que, ao tomar essa decisão, os políticos estariam oferecendo uma grande contribuição ao país e dando demonstração de que estão procurando uma saída para a atual crise.

Olacyr Francisco de Moraes, presidente do Grupo Itamarati e considerado o "rei da soja", considera a discussão política atual como um "fato histórico", mas lembra que é preciso

"muito cuidado para que a economia não fique esquecida". A incerteza política, segundo ele, impede qualquer tipo de iniciativa no setor produtivo e isto é altamente prejudicial para o Brasil.

O presidente do Grupo Sharp, Matias Machline, define o atual quadro econômico do país, como cheio de contradições. "Tudo está parado na expectativa da definição política", diz. Machline ressalva que a economia não está paralisada, como um todo, devido à exportação, mas admite que os grandes empresários estão evitando "investimentos arrojados", esperando a escolha do novo Presidente.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado (FIESP), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, destaca que o processo sucessório para a Presidência da República provoca problemas na economia, pois "se já não havia investimentos anteriormente, agora ninguém irá se arriscar".

Luís Eulálio aproveita para lembrar que as exportações, "único setor que está crescendo no país este ano", precisam de financiamentos para continuar mantendo a boa performance. "Mais de Cr\$ 400 bilhões de financiamentos estão atrasados e há muitas empresas com problemas para conseguir recursos e cumprir contratos de vendas. É preciso que a economia não seja esquecida diante da discussão política que o país vive", disse.

Para o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, a luta pelo poder político está causando problemas à economia, que "hoje está se arrastando, tentando chegar ao final do ano sem outros traumas".

"Hoje vivemos um quadro de conchavos políticos e todo mundo se esqueceu que precisamos de soluções para reativar a economia interna", reclama.

ANTONIO SALVADOR SILVA